

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA EM PORTO ALEGRE  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA E PRÁTICA DA FORMAÇÃO  
DO LEITOR**

**MARIANA MOLINA DE OLIVEIRA**

**A CHAPEUZINHO EM DIFERENTES PERSPECTIVAS:  
Cores e diversidade.**

**PORTO ALEGRE  
2019**

**MARIANA MOLINA DE OLIVEIRA**

**A CHAPEUZINHO EM DIFERENTES PERSPECTIVAS:**

Cores e diversidade.

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado à Universidade Estadual do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Teoria e Prática da Formação do Leitor.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Ana Maria Bueno Accorsi.

**PORTO ALEGRE**

**2019**

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O48c Oliveira, Mariana Molina de.  
A Chapeuzinho em diferentes perspectivas: cores e diversidade.  
– Porto Alegre, 2019.  
42 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Especialização em Teoria e Prática da Formação do Leitor, Unidade em Porto Alegre, 2019.

Orientação: Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Ana Maria Bueno Accorsi.

1. Formação do leitor. Contos contemporâneos. 3. Chapeuzinho Vermelho I. Accorsi, Ana Maria Bueno. II. Título.

**MARIANA MOLINA DE OLIVEIRA**

**A CHAPEUZINHO EM DIFERENTES PERSPECTIVAS:**

Cores e diversidade.

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Maria Bueno Accorsi

Aprovada em:

**BANCA EXAMINADORA.**

---

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Maria Bueno Accorsi  
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Magali de Moraes Menti  
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Sita Mara Lopes Sant'Anna  
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Aos meus filhos Matheus e Maurício, donos do meu coração. E ao Marcos Alexandre, que apesar de seguirmos caminhos diferentes, me apoiou de várias maneiras, tornando esse trabalho possível.

“Se quiser que os seus filhos sejam brilhantes, leia contos de fadas para eles. Se quiser que sejam ainda mais brilhantes, leia ainda mais contos de fadas.”

Albert Einstein. (PERROW, 2010)

## RESUMO

Este estudo evidencia quais características da personagem Chapeuzinho Vermelho, escrita por Charles Perrault no século XVII, se mantêm nos contos contemporâneos. Além da obra de Perrault, foi feita uma breve análise da personagem nos contos recriados mais lidos e conceituados pelo público leitor, tanto na literatura ocidental, quanto na brasileira. Dentre as quais foram selecionadas as duas versões dos irmãos Grimm, *Chapeuzinho Amarelo* de Chico Buarque de Holanda e o conto *Fita Verde no Cabelo* de Guimarães Rosa. Após, juntando as informações retiradas desses textos, foi feita a análise dos seis contos contemporâneos da obra *Chapeuzinhos Coloridos*, dos autores brasileiros, José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta, destacando quais os elementos presentes nas Chapeuzinhos tornam suas reescritas possíveis e tentando definir de que modo a escolha desses elementos podem ter influência sobre o leitor. A pesquisa das personagens tem base teórica fundamentada nas obras intituladas *A psicanálise dos contos de fadas*, de Bruno Bettelheim e *Fadas no Divã*, dos Corsos. Conclui-se que nos seis contos de Torero e Pimenta há todo tipo de Chapeuzinho, mas há muito nelas da personagem criada séculos atrás por Perrault. Ao ler e estudar o conto de fadas da Chapeuzinho Vermelho fica evidente que a sua temática continua atual. Portanto, a relevância deste trabalho está em mostrar o quanto a leitura desses contos pode ser interessante, o quanto a história da Chapeuzinho faz parte do nosso dia a dia, e de que maneira o seu conteúdo nos leva a refletir sobre aspectos importantes da sociedade.

**Palavras chave:** Chapeuzinho Vermelho, contos contemporâneos, leitor, personagem, tradição X inovação.

## ABSTRACT

This work points which features of the character Little Red Riding Hood, written by Charles Perrault in the XVII century, remains in the contemporary tales. Beyond the work of Perrault, a brief analysis of the character was made in the re-created tales most read and regarded by the readers, both from western and Brazilian literature. Among which were selected the two versions by the Grimm Brothers, "Chapeuzinho Amarelo" by Chico Buarque de Holanda and the short-story "Fita Verde no Cabelo" by Guimarães Rosa. After that, gathering the information extracted from these texts, an analysis was made of the six contemporary short-stories from the book "Chapeuzinhos Coloridos" by the Brazilian authors José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta, highlighting which elements present in the Little Hoods make their rewriting possible and trying to ascertain in which way the choice of these elements may influence the reader. The researching of the characters has its theoretical basis on the works titled "A Psicanálise dos Contos de Fadas" by Bruno Bettelheim and "Fadas no Divã" by the Corsos. It's concluded that in the six short-stories by Torero and Pimenta there are all sorts of Little Hoods, but there is much in them of the character created centuries ago by Perrault. As one reads and studies the fairy tale "Little Red Riding Hood", it becomes evident that its thematic remains current. Therefore, the relevance of this work is in showing how interesting reading these tales can be, how much the Little Hood tale takes part in our daily lives, and in what way its content make us ponder over important aspects of society.

**Keywords:** Little Red Riding Hood, contemporary tales, reader, character, tradition x innovation.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>A LEITURA , O LEITOR E A FORMAÇÃO DO LEITOR .....</b>	<b>13</b>
2.1	PENSANDO O LEITOR E A FORMAÇÃO DO LEITOR .....	14
2.2.1	CONTAR HISTÓRIAS: A IMPORTÂNCIA DA ORALIDADE NA FORMAÇÃO DE LEITORES .....	15
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>18</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DA PERSONAGEM CAPUCHINHO DE PERRAULT .....</b>	<b>20</b>
<b>5</b>	<b>O TEXTO ESCOLHIDO PARA REFLEXÃO: CONTOS DA CHAPEUZINHO ..</b>	<b>23</b>
5.1	AS CHAPEUZINHOS CRIADAS PELOS IRMÃOS GRIMM .....	24
5.2	AS CHAPEUZINHOS JÁ CONSAGRADAS NA LITERATURA BRASILEIRA ...	27
<b>6</b>	<b>ANÁLISE DA PERSONAGEM CHAPEUZINHO NO LIVRO <i>CHAPEUZINHOS</i></b> <b><i>COLORIDOS</i> .....</b>	<b>31</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>39</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>41</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Foi nas tardes de sábado, comendo chocolate e lendo gibis que iniciei minha jornada pelo mundo da leitura. Ler não era um hábito em uma casa onde viviam onze pessoas. Minha irmã, apaixonada pelos romances vendidos em bancas de revista, me mostrou a beleza de ler e que cada pessoa faz durante a vida, sua escolha de leitura e de seus gêneros preferidos. E assim minha vida foi se desenhando. Na oitava série decidi que seria professora de português. Lembro que na época, nem sabia que era a faculdade de Letras, necessária para minha futura formação, pensei que deveria se chamar faculdade de português, assim como a de matemática, geografia e etc. Na história da minha vida, os acontecimentos relevantes não acontecem na ordem mais “comum” estabelecida ou indicada pela sociedade atual. Tornei-me mãe de meus dois filhos logo cedo e a faculdade ficou para depois de completar trinta anos. Você deve estar pensando que isso foi ruim; mas não, cada vez mais entendo que tudo na minha história foi como deveria ter sido, como estava escrito para ser. Com o passar do tempo, vi o meu filho caçula gostar tanto de ler quanto eu, ou melhor, até mais do que eu e essa experiência atiou ainda mais meu interesse pela formação de leitores.

Comecei a faculdade de Letras em 2008 na Universidade Federal de Pelotas. O curso era no turno da noite, com previsão de oito semestres. Lembro-me de ter tido muita teoria sobre literatura, mas o que tenho gravado mais fortemente na memória foi um trabalho que fiz sobre leitura. Meu grupo era formado por uns sete alunos: eu estava vestida de princesa (vestido de noiva da mãe de uma colega), um colega se vestiu de pirata, outras colegas se fantasiaram de fadas e um colega fez o leitor (nosso futuro aluno). Eu representei alguém que lia para o menino. Foi naquele dia que descobri o quanto era apaixonada pela leitura e que ler e formar leitores eram atividades que me faziam feliz e realizada profissionalmente.

Outros fatos aconteceram durante minha trajetória e acabei me formando na Universidade federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, no ano de 2016. Mudou a sede de meus estudos, mas não a minha formação, conclui a licenciatura em Letras. Logo em seguida, continuei minha jornada em busca do meu aperfeiçoamento profissional e ingressei na Universidade Estadual do Rio Grande dos Sul para me especializar em Teoria e Prática na Formação de Leitores.

Hoje, prestes a concluir a especialização, percebo o quanto meus sonhos e minhas intenções como profissional da área de educação foram lapidados, que agreguei muito conhecimento sobre o leitor, sobre como selecionar leituras e principalmente em como ser alguém a acrescentar na formação de leitores. E para concluir esse curso, decidi estudar a personagem principal da fascinante história da Chapeuzinho Vermelho.

O objetivo deste trabalho é verificar quais características da personagem Chapeuzinho Vermelho, escrita por Perrault no século XVII, se mantêm nos contos contemporâneos. Para esse estudo, faremos uma breve análise da personagem nos contos recriados mais lidos e conceituados pelo público leitor, dentre os quais foram selecionadas as duas versões dos irmãos Grimm, as quais representarão as recriações estrangeiras, *A Chapeuzinho Amarelo* de Chico Buarque de Holanda e o conto *Fita Verde no Cabelo* de Guimarães Rosa, ambos representando a literatura brasileira.

Quais são os elementos na construção da personagem Chapeuzinho que a torna tão fascinante e que de alguma maneira foram mantidos nas personagens reescritas nas histórias das Chapeuzinhos contemporâneas? Para tentarmos encontrar algumas respostas às questões apresentadas, as análises dos contos serão sempre com foco na personagem da menina, com a consciência de que cada nova versão escrita traz um pouco da anterior e assim as que se sucedem vão além da original.

Dando prosseguimento a esse estudo, faremos uma breve análise da personagem Chapeuzinho nos contos do livro *Chapeuzinhos Coloridos*, de Torero e Pimenta, estudando de que maneira a clássica personagem é reescrita nas histórias contemporâneas, quais características se mantêm e quais foram modificadas no decorrer do tempo.

Partindo em busca do nosso objetivo, no Capítulo 2, selecionamos alguns conceitos de leitor, de leitura, de formação do leitor, que evidenciam que é importante conhecer o leitor, seu contexto e quais textos serão pertinentes para leitura em determinadas situações.

O capítulo 3 apresenta a metodologia deste trabalho, detalhando os tipos de pesquisas aplicadas.

A análise da Chapeuzinho é feita no Capítulo 4 após a leitura do texto original, baseada na análise de personagens femininas criadas para os contos de

fadas, com ênfase no que essa personagem fala do mundo real para a criança e/ ou o adulto que a conhece.

No Capítulo 5, pontos importantes das versões dos contos foram selecionados para este trabalho, dos seguintes autores: Irmãos Grimm, Chico Buarque de Holanda e Guimarães Rosa. Sempre com ênfase na personagem Chapeuzinho. Após essa exposição, faremos uma breve conclusão sobre as características principais encontradas nas personagens Chapeuzinho reescritas posterior a Perrault e que já estão consagradas pelo público.

Em seguida, no Capítulo 6, se analisam as personagens dos contos do livro *Chapeuzinho Coloridos*. Pensado sempre no que se mantém da primeira versão nos dias atuais, o que é passível de mudança, constatando quais características torna a personagem tão encantadora e a mantém sempre atual.

Nas considerações finais, a partir dos conceitos de leitor, de leitura, discutidos neste trabalho, de por quais motivos o conto é algo interessante para ser disponibilizado a esse leitor, abordaremos quais aspectos a personagem Chapeuzinho traz em sua construção que contribuem para os dias atuais e por quais motivos ela é tão atemporal.

A seguir, conforme exposto anteriormente, se fará uma reflexão sobre o leitor, levando em consideração o sujeito atuante, a leitura, como algo necessário na nossa vida e o relevante papel que os formadores de leitores desempenham em nosso mundo.

## 2 A LEITURA , O LEITOR E A FORMAÇÃO DO LEITOR

Muitos são os motivos que nos levam a ler. Costumamos ler para nos informar, para adquirirmos conhecimento, para opinar, criticar. As obras literárias são lidas para fantasiarmos, imaginarmos, aguçarmos nossa sensibilidade e, muitas vezes lemos, pelo desejo de conhecer mundos diferentes daquele em que vivemos. O leitor deve ter acesso não só às obras clássicas como às contemporâneas.

As leituras selecionadas nas escolas têm reflexos diferentes em cada grupo de estudantes, em cada contexto em que forem trabalhadas, dependendo do foco de cada leitor.

Pensando na leitura sob uma perspectiva discursiva Orlandi (2012, p.7-8) argumenta que precisamos pensar a produção de leitura como algo a ser trabalhado e não ensinado, que tanto a leitura quanto a escrita são partes do processo de instauração dos sentidos, que existem muitos modos de leitura.

As obras que apresentam valor literário original são geralmente distribuídas em duas áreas que são a do questionamento e a da representação. A primeira é considerada uma obra inovadora que questiona o mundo, estimula o leitor a transformar o mundo um dia; a segunda traz obras que representam o mundo, mostrando os caminhos ou comportamentos a serem seguidos para uma vida plena e justa. O primeiro objetivo das obras é dar prazer, divertir e emocionar o leitor. (COELHO, 2000).

Muitas vezes a escola tende a apenas escolher e indicar para os estudantes a leitura dos clássicos da literatura que normalmente foram escritos em datas passadas. No entanto, não podemos desprezar o valor da literatura contemporânea:

Enfim, o que hoje define a contemporaneidade de uma literatura é sua intenção de estimular a consciência crítica do leitor; levá-lo a desenvolver sua própria expressividade verbal ou sua criatividade latente; dinamizar sua capacidade de observação e reflexão em face do mundo que o rodeia; e torná-lo consciente da complexa realidade em transformação que é a sociedade, em que ele deve atuar quando chegar a sua vez de participar ativamente do processo em curso. (COELHO, 2000, pág.151).

Portanto, são vários os motivos que nos levam a ler e todos eles de grande relevância para nossa vivência em sociedade. De acordo com Possenti (2005, p.160-161), o funcionamento da linguagem no texto é a representação da língua e de como ela funciona. Conforme amadurecemos, nos tornamos leitores mais

independentes, selecionando nossas leituras a partir da nossa necessidade, sejam elas para a nossa rotina, optando por ler jornais, revistas, manuais, bulas, ou para fugirmos um pouco da realidade, quando optamos pelas obras literárias. Como se vê, há uma relação entre o texto e quem o lerá e por qual motivo o lerá. Sendo assim, fica claro que não temos como pensar no texto sem pensar no leitor para quem ele foi escrito.

## 2.1 PENSANDO O LEITOR E A FORMAÇÃO DO LEITOR

Desenvolver o prazer da leitura deve ser o foco do profissional que tem a intenção de formar um leitor. Em seu livro *O que é leitura*, Martins (2012) expõe que a leitura “trata-se, pois de um aprendizado mais natural do que se costuma pensar, mas tão exigente e complexo como a própria vida”. Quando se pensa em um projeto de leitura, precisamos nos certificar de que o leitor consiga interpretar uma obra literária, um texto, incentivá-lo a desenvolver o seu lado crítico, criar a oportunidade para que desenvolva a sua oralidade, exercitando a habilidade de contar e ouvir história, estimulando a imaginação e salientando a importância desses saberes em suas vidas. A autora argumenta que o leitor, apesar de não se dar conta, percebe a configuração da leitura em três níveis básicos: sensorial, emocional e racional. A leitura sensorial ativa os sentidos dos leitores, principalmente os iniciantes nesse sensacional mundo da ficção:

Na criança essa leitura através dos sentidos revela um prazer singular, relacionando com a sua disponibilidade (maior que a do adulto) e curiosidade (mais espontaneamente expressa). O livro, esse objeto inerte, contendo estranhos sinais, quem sabe imagens coloridas, atrai pelo formato e pela facilidade de manuseio; pela possibilidade de abri-lo, decifrar seu mistério e ele revelar – através da combinação rítmica, sonora e visual dos sinais – uma história de encantamento, de imprevistos, de alegrias e apreensões. (MARTINS, 2012, p. 43).

A leitura emocional se trata do que escapa ao controle do leitor quando lida com os seus sentimentos, resultando em falta de objetividade, subjetivismo, influência do inconsciente do leitor. É a leitura que dá prazer, mas não é muito levada em consideração. (2012, pág. 48). Já a leitura racional, seria a mais requintada, de quem produz e aprecia a linguagem, principalmente a artística. Limita a noção de leitura ao texto escrito, pressupõe educação formal e cultural boas.

Nesse nível de leitura, as experiências emocionais e sentimentais influenciam negativamente. (2012, pág.62).

De acordo com Koch e Elias (2008, pág.10), na leitura de um texto é importante destacar o papel que tem o *leitor enquanto construtor de sentidos*. Os sujeitos são vistos como construtores sociais, sujeitos ativos que além de serem construídos, se constroem no texto.

Além de pensarmos no tipo de leitor, em quais possibilidades de textos lhe proporcionar, os benefícios que a leitura lhe trará, é preciso também escolher o momento propício para trabalhar com determinado texto na escola. Precisamos criar um ambiente receptivo para o tema que irá ser debatido, contextualizar o texto escolhido, se possível, dentro da realidade do leitor, trazer questões para serem debatidas que reforcem a compreensão sobre o tema principal:

Ao professor cabe o desencadear das múltiplas visões que cada criação literária sugere, enfatizando as variadas interpretações pessoais, porque decorrem da compreensão que o leitor alcançou do objeto artístico, em razão de sua percepção singular do universo representado. (ZILBERMAN, 2003, p.28).

Zilberman argumenta ainda que a atividade com a literatura infantil, foco desse trabalho, tem que dar ênfase ao processo de compreensão, complementar ao processo de recepção, visto que o sentido do texto será criado a partir dessa significação, a situação atual e histórica de cada leitor. O professor ou profissional incumbido do papel de formador de leitor precisa, além de conhecer os textos possíveis de serem escolhidos, ter em mente que a linguagem utilizada pelo autor terá de ser relevante para o crescimento daquele leitor e de que maneira aquela leitura poderá contribuir na sua formação como um sujeito atuante na sociedade.

### **2.2.1 CONTAR HISTÓRIAS: A IMPORTÂNCIA DA ORALIDADE NA FORMAÇÃO DE LEITORES**

Pensando em sentidos da leitura, não podemos esquecer-nos do poder da oralidade, da arte de contar histórias. Esta prática vai além da formação acadêmica, nasce no seio familiar: geralmente os mais antigos contam as melhores histórias, as suas preferidas, as que ouviram muitas vezes de seus antepassados. Contar histórias educa:

A função das narrativas maravilhosas da tradição oral poderia ser apenas a de ajudar os habitantes de aldeias camponesas a atravessar as longas noites de inverno. Sua matéria? Os perigos do mundo, a crueldade, a morte, a fome, a violência dos homens e da natureza. Os contos populares pré-modernos talvez fizessem pouco mais do que *nomear* os *medos* presentes nos corações de todos, adultos e crianças, que se reuniam em volta do fogo enquanto os lobos uivavam lá fora, o frio recrudescia e a fome era um espectro capaz de ceifar a vida dos mais frágeis, mês a mês. (CORSO, 2006, pág.16).

Ouvir histórias é algo que orienta a criança em relação ao seu lugar no mundo, na família, na sociedade. Fantasias é preciso, mas também é importante que as crianças entendam que ao sair da segurança da família correm alguns riscos. E muitas vezes as orientações de como proceder diante dessas situações são transmitidas pelos contos de fadas:

[...] no conjunto da “literatura infantil” – com raras exceções -, nada é tão enriquecedor e satisfatório, seja para a criança, seja para o adulto, do que o conto de fadas popular. É bem verdade que, num nível manifesto, os contos de fadas pouco ensinam sobre as condições específicas da vida na moderna sociedade de massa; eles foram inventados muito antes do seu surgimento. No entanto, por meio deles pode-se aprender mais sobre os problemas íntimos dos seres humanos e sobre as soluções corretas para suas dificuldades em qualquer sociedade do que com qualquer outro tipo de história compreensível por uma criança. Como a criança está exposta a cada momento à sociedade em que vive, certamente aprenderá a enfrentar suas condições, desde que seus recursos íntimos lhe possibilitem fazê-lo. (BETTELHEIM, 2018, pág. 11,12).

O conhecimento adquirido por meio da cultura oral, depois de adquirido, precisa ser reforçado constantemente, para que não se perca, segundo Brenman (2012), “foi essa “primitiva” comunicação oral que manteve, por milênios, a estruturação de sociedades complexas, nas quais se fixavam normas de comportamento, fabricavam-se ferramentas, criavam-se belas narrativas míticas.”. Para o ser humano, o importante é sempre seguir em frente, alcançar a plenitude, as histórias orais nos trazem fatos que comprovam que nossas inquietações, nossas dúvidas em relação à vida já existiam em outras épocas, nos aproxima do passado. O vazio entre os humanos é preenchido quando contamos um conto:

[...] a arte de narrar propõe uma parada ao ocupado homem contemporâneo, propõe que ele respire um pouco, que olhe para trás e veja como os antigos corriam. Os antigos corriam mais juntos, contemplavam mais as paisagens à sua volta, criavam novos percursos e, principalmente, olhavam para os antigos corredores e escutavam histórias sobre aqueles que já haviam morrido. O relato das antigas corridas provocava uma comunhão entre os novos; ouvir as façanhas dos velhos tempos era como vivê-las no presente. (BRENMAN, 2012, pág.23).



O autor ainda afirma que “ouvir é viver o passado, tornando-o presente, e projetá-lo num tempo por vir.”. Precisamos considerar que o sujeito tem suas especificidades, sentidos determinados histórica e ideologicamente, dependendo de cada época e segmento social a qual pertence. Sabe-se que muito da cultura oral transmitida pelos mais velhos contribuíram na formação do leitor como pessoa e muito do que esse se tornou será passado para as futuras gerações.

Não esgotaremos nossas reflexões sobre o assunto neste capítulo, visto que toda personagem Chapeuzinho que foi reescrita, terá suas características com o foco no possível leitor que ela terá. Então, questões sobre leitor, leitura e formação do leitor serão expostas ao longo das análises dos contos.

No próximo capítulo vamos expor a metodologia usada para a realização deste trabalho.

### 3 METODOLOGIA

Com a finalidade de desenvolver estudo na temática da Chapeuzinho Vermelho e de como suas mais diferentes construções e adaptações têm influência sobre o leitor foi realizada uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório e descritivo, que buscou levantar dados a partir das leituras de contos Chapeuzinho Vermelho.

No intuito de conhecer, esclarecer e entender um pouco sobre a personagem foram selecionados o conto intitulado Chapeuzinho *Vermelho*, de Perrault, as versões desse mesmo conto escritas pelos Irmãos Grimm, e as releituras de Guimarães Rosa e Chico Buarque de Holanda, intituladas respectivamente, *Fita verde no Cabelo* e *Chapeuzinho Amarelo*. Além dessas, foi analisada a obra *Chapeuzinhos Coloridos*, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta. A pesquisa das personagens tem base teórica fundamentada na obra intitulada *A psicanálise dos contos de fadas*, de Bruno Bethelheim e *Fadas no Divã*, dos Corsos.

Essa pesquisa de caráter exploratório e descritivo apresenta uma metodologia de análise de dados qualitativos, denominada de Análise de Conteúdo (MORAES, 1999). A escolha da pesquisa com essas abordagens se dá pela necessidade de uma análise minuciosa e descritiva do objeto de estudo, identificando e analisando as características da personagem, bem como a tentativa de conectar as ideias para compreender as causas e efeitos no leitor, buscando profundidade no tema.

Na etapa da pré-análise, foi feita a leitura dos contos já consagrados na literatura, analisando e descrevendo a personagem Chapeuzinho a partir de semelhanças encontradas nas obras analisadas. Após a identificação das categorias referentes às semelhanças e diferenças encontradas nas obras analisadas, foram lidos os seis contos contemporâneos dos *Chapeuzinhos Coloridos*. A partir das categorias anteriores, buscou-se definir de que modo a escolha desses elementos podem ter influência sobre o leitor. Essas histórias contemporâneas não foram descritas na íntegra, nem sequer resumidas. Foram apresentados uma seleção de trechos para melhor esclarecer os fatos sobre a personagem.

Primeiramente foi feita a leitura dos contos já consagrados na literatura, desvendando a personagem Chapeuzinho e pensando sobre o que elas têm em

comum. Após, depois de ler os seis contos contemporâneos dos *Chapeuzinhos Coloridos*, juntamos as informações anteriores, pensando no modo como as determinadas construções têm influência sobre o leitor. Essas histórias contemporâneas também não serão narradas na íntegra, nem sequer resumidas. Iremos trazer partes delas de modo a esclarecer fatos sobre a personagem.

Após esclarecermos a metodologia usada nesse trabalho, no próximo capítulo apresentaremos a personagem Chapeuzinho, sua descrição no texto e algumas percepções implícitas possíveis em relação à personalidade da menina.

#### 4 ANÁLISE DA PERSONAGEM CAPUCHINHO DE PERRAULT

“Era uma vez uma pequena aldeã, a menina mais bonita que poderia haver” (PERRAULT, 2010) Assim começa o conto de fadas “*Capuchinho Vermelho*” escrito por Charles Perrault, o primeiro a publicar uma versão escrita da história, no final do século XVII. O autor era francês, nasceu em 1628 na cidade de Paris e formou-se em estudos literários no colégio Beauvais. Já no final da sua vida, Perrault começou a registrar as histórias e contos recitados pelo povo, reunidos em um livro publicado em 1697, o qual se chamou “Mamãe Ganso”. De acordo com Darnton (2011, pág.24), há indícios de que a babá de seu filho foi uma de suas principais fontes. Após o registro, para atender ao gosto sofisticado da corte, Perrault retocava o texto, dando um acabamento literário, criando assim, o que hoje conhecemos como conto de fadas. No conto da Capuchinho, o escritor não narra a história apenas de uma menina, mas sim da menina mais bonita que pudesse existir. A personagem era amada, foi bem criada, era educada e cordial com os outros moradores da aldeia. “Sua mãe era louca por ela e a avó, mais ainda”. (PERRAULT, 2010, pág.77). E foi dessa boa senhora mais velha que a menina ganhou um pequeno capuz vermelho.

O capuz lhe caía tão bem que a menina passou a ser chamada de Chapeuzinho Vermelho, nome dado à maioria dos títulos dos contos nas versões seguintes. Segundo análise psicanalítica do conto, proposta por Bruno Bettelheim a cor do manto simboliza o sangue do ciclo menstrual, ou seja, a menina é uma adolescente que está apta a viver sua sexualidade e precisa ser alertada quanto aos possíveis desvios de condutas nessa nova fase. Bettelheim (2008, pág. 19) vai além e expõe que o “chapéu de veludo vermelho dado pela avó a Chapeuzinho Vermelho pode ser visto como o símbolo de uma transferência prematura da atratividade sexual,” sendo que, a menina não está emocionalmente madura para isso. A menina ainda é pequena para administrar o que o chapéu simboliza e o que ele atrai.

Depois de descrever brevemente as personagens da menina, inserir a mãe e a avó na história, Perrault inicia a conhecida história narrando que um dia, a mãe da menina, sabendo que a avó estava doente, pede que Chapeuzinho vá até a casa da vovó, que ficava em outra aldeia. Ao passar por um bosque, encontra o lobo que lhe pergunta aonde vai. Ele a convence a ir pelo caminho mais longo. O esperto lobo segue pelo caminho mais curto, chega antes, se faz passar pela menina e come a

vovozinha. Ele toma então o lugar da avó e quando Chapeuzinho chega à casa da vovozinha, convida-a a deitar-se:

Chapeuzinho Vermelho tirou a roupa e foi se enfiar na cama, onde ficou muito espantada ao ver a figura da avó na camisola. Disse a ela:  
 “Minha avó, que braços grandes você tem!”  
 “É para abraçar você melhor, minha neta.”  
 “Minha avó, que pernas grandes você tem!”  
 “É para correr melhor, minha filha.”  
 “Minha avó, que orelhas grandes você tem!”  
 “É para escutar melhor, minha filha.”  
 “Minha avó, que olhos grandes você tem!”  
 “É para enxergar você melhor, minha filha.”  
 “Minha avó, que dentes grandes você tem!”  
 “É para comer você.” (PERRAULT, 2010, pág. 81).

Como nos dizem os psicanalistas Corso & Corso (2006, pág. 51), os leitores já conhecem esse diálogo há gerações. “Se toda a narrativa tem seu clímax, poucas têm a cadência tão boa como esta”. Nessa altura do conto, o leitor já está eletrizado sabendo de cor cada frase e também prevendo que a menina será devorada pelo lobo. E no final da história, a Capuchinho Vermelho de Perrault acaba mesmo sendo devorada pelo lobo mau! Um final assustador que nos remete à ideia de desvio de conduta e punição.

Já na primeira versão escrita, fica claro que a intenção do conto é de passar uma lição às jovens da época. A moral explicitada no final do clássico nos traz o quanto era importante alertá-las para o perigo que o Lobo Mau representava. A literatura é usada para transmitir algo além das palavras:

A fala comum se caracteriza pela transparência. O mesmo não acontece com o discurso literário. Este se encontra a serviço da criação artística. O texto da literatura é um objeto de linguagem ao qual se associa uma representação de realidades físicas, sociais e emocionais mediatizadas pelas palavras da língua na configuração de um objeto estético. O texto repercute em nós na medida em que revele *emoções* profundas, coincidentes com as que em nós se abriguem como seres sociais. (PROENÇA FILHO, pág. 7-8).

Não basta apenas ter um final trágico, é preciso explicitar a moral da história. Sem meias palavras, o final do texto de Perrault deixa claro que “as meninas, e sobretudo as mocinhas lindas, elegantes e finas, não devem a qualquer um escutar”. Caso escutem, do lobo serão “jantar”! Neste caso, o lobo representa a figura do homem. Só que o lobo/homem mais perigoso, pode ter uma conversa amável, gentil, prestimosa. Neste sentido, por associação, as donzelas não podem confiar na conversa dos homens. Como diz Bettelheim (2008, pág. 10), o lobo não é um animal

voraz, predador sem intenções e sim uma metáfora que deixa pouco à imaginação do ouvinte ou leitor. E a menina talvez não seja tão inocente assim! Não há uma tentativa de fuga ou de defesa quando o lobo a abraça e sim uma curiosidade, um estranhamento em relação à forma de seus braços e pernas. O autor afirma ainda que “o conto de fadas só alcança um sentido pleno para a criança quando é ela quem descobre espontaneamente e intuitivamente seus significados previamente ocultos”. Portanto, a moral explícita dessa maneira faz com que a história contada não cumpra seu principal objetivo que é dar asas à imaginação da criança.

Não há como negarmos que, em um primeiro momento, imaginamos a Chapeuzinho como uma menina inocente, que está pela primeira vez saindo sozinha do seu lar protegido e que está pela primeira vez correndo um perigo real, algo que pode ser fatal. Mas, a personagem vai além, ela é bem mais complexa do que pensamos. Como já dissemos no início desse trabalho, cada nova versão escrita da personagem traz um pouco da anterior e assim as que se sucedem vão além da original, portanto, não vamos esgotar nossas análises sobre elas neste capítulo.

A *Capuchinho Vermelho* de Perrault passa a ser chamada de *Chapeuzinho Vermelho* a partir das duas versões criadas pelos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, que tornaram o conto ainda mais popular e interessante, sobre as quais iremos discutir a seguir.

## 5 O TEXTO ESCOLHIDO PARA REFLEXÃO: CONTOS DA CHAPEUZINHO

Diante das infinitas possibilidades de textos, selecionamos para este estudo a discussão da leitura e do leitor a partir dos contos. Apesar de o gênero ser considerado um texto curto, segundo Geraldi (1999, p.64), “São textos que geralmente já possuem um sentido determinado pelo autor, cabendo ao professor auxiliar no entendimento desse e de outros sentidos possíveis”. Várias são as qualidades de um conto:

O conto oferece uma amostra da vida, através de um episódio, um flagrante ou instantâneo, um momento singular e representativo. Constitui-se de uma história curta, simples, com economia de meios, concentração da ação, do tempo e do espaço. (PROENÇA FILHO, 2003, pág. 45).

Cabe a professor também, salientar que existem várias versões de uma mesma história, que os personagens de algumas histórias podem “existir” em outros textos, expondo as várias formas de intertextualidade possíveis. Escolhemos para análise os diversos personagens Chapeuzinhos que há em nossa literatura. Além de a história do chapeuzinho vermelho ter várias versões e adaptações, seu referencial também é encontrado em vários outros textos escritos nos últimos cinco séculos. É a maneira habilidosa que possui de ultrapassar o seu texto original para outros que tanto nos fascina:

De forma bastante resumida, podemos dizer que há relações de sentidos que se estabelecem entre o que um texto diz e o que ele não diz, mas poderia dizer, e entre o que ele diz e o que os outros textos dizem. Essas relações de sentido atestam, pois, a intertextualidade, isto é, a relação de um texto com outros (existentes, possíveis, ou imaginários). (ORLANDI, 2012, p.13).

E é essa capacidade que a personagem Chapeuzinho, traduzida da história oral por Perrault tem de prender a atenção do leitor: ao mesmo tempo em que mostra, também esconde vários sentidos.

Escolhemos para análise alguns dos personagens Chapeuzinho que há na literatura brasileira. Como já se sabe, a história do chapeuzinho vermelho tem várias versões e adaptações e também referências à personagem que são encontradas em vários outros textos escritos nos últimos cinco séculos.

Para as análises dos contos contemporâneos, selecionamos algumas histórias que já se tornaram clássicos da literatura. Na próxima seção, iremos verificar algumas características da Chapeuzinho de Perrault nas versões criadas

pelos irmãos Grimm e, para pensarmos em versões criadas por autores brasileiros, vamos estudar o conto “Fita Verde no Cabelo” de Guimarães Rosa e “Chapeuzinho Amarelo” de Chico Buarque de Holanda, poema, que, apesar de pertencer a um gênero diferente dos demais, é muito popular entre as crianças e os contadores de história e nos traz uma rica história da Chapeuzinho. Precisamos salientar que nenhuma versão terá maior ou menor importância em relação às demais, historicamente, encontramos a primeira versão escrita por Perrault, mas quem criou a personagem do Chapeuzinho é algo tão difícil de saber quanto o que pensavam os autores ao reescreverem as histórias. Sabemos que essa narrativa foi reescrita de duas maneiras diferentes pelos irmãos Grimm, mas não temos ideia de quantas maneiras diferentes foram recontadas no decorrer dos últimos séculos.

## **5.1 AS CHAPEUZINHOS CRIADAS PELOS IRMÃOS GRIMM**

Donos de uma excelente narrativa, Jacob Grimm e Wilhelm Grimm, nasceram no século XVIII. Os irmãos, assim como Perrault, também escreviam as histórias que ouviam de camponeses, amigos e parentes durante o dia, trabalhando para preservar a memória e as tradições culturais. Conforme Bettelheim (2008, pág. 8), se todas as versões da Chapeuzinho terminassem como a de Perrault, com uma menina encantadora e “inocente” engolida pelo lobo, seria melhor que as descartássemos. Segundo o autor isso não ocorreu devido ao fato de os Irmãos Grimm a transformarem em um dos mais lidos contos populares.

As duas versões do conto da Chapeuzinho criadas pelos Irmãos Grimm não poderiam faltar em nosso projeto. E é já na primeira história que eles nos descrevem a personagem. “Era uma vez uma menininha encantadora. Todos que batiam os olhos nela a adoravam.” (2010, pág.145). E, na versão dos autores, também era sua avó quem nutria o maior amor pela menina.

A doce menina, assim como na história de Perrault, ganhou um chapeuzinho de veludo vermelho de sua avó, que lhe caia tão bem que ela passou a ser chamada de Chapeuzinho Vermelho. O título e o nome Capuchinho Vermelho dado à personagem fica restrito à versão de Perrault. A partir das reescritas dos Grimm, a



menina passa a ser chamada pelo nome de Chapeuzinho Vermelho. Chapeuzinho recebe da mãe a tarefa de levar bolo e vinho até a casa da avó que está doente, com a recomendação de que não se desviasse do caminho. Bettelheim (2008, pág. 14), nos afirma que desde o início já se estabelece na menina o conflito entre fazer o correto ou fazer o que lhe dá prazer, explícitos pelas várias recomendações da mãe em relação ao comportamento que deveria ter, pois está ciente de que a filha poderia se desviar do caminho para descobrir *os segredos dos adultos*.

A menina promete fazer o que a mãe está dizendo, mas na floresta se depara com o lobo que a distrai com as belas flores e detalhes da bela natureza que há ao seu redor. A partir de então, Chapeuzinho resolve entrar no bosque para fazer um buquê de flores para levar para sua vovozinha. O lobo corre à frente, se faz passar pela menina e engole a avó, tomando o seu lugar na cama. Quando chega a casa, Chapeuzinho acha a avó esquisita, fala das suas orelhas enormes, mãos, até que comenta sobre a sua boca enorme e é devorada pelo lobo. Saciado seu apetite, ele ronca tão alto que chama atenção de um caçador. Ambas, vovó e Chapeuzinho são salvas por ele, que abre a barriga do lobo e as tira de lá. No final da história dos Grimm, além da figura do lobo, há a do caçador, as quais são conflitantes. Um caçador, que friamente abre a barriga do lobo, comete um ato justificável apesar de violento. Para o leitor, no entanto ele é um herói, pois se o fim justifica os meios, as duas saíram inteiras da barriga do malvado. Não há lição de moral no final desse conto. Surpreendentemente, há outra história criada por esses escritores alemães, a qual nos deixa claro que as escolhas da menina vão traçar seu destino, seu final:

[...] os Irmãos Grimm também apresentam uma variação importante da “Chapeuzinho Vermelho”, que essencialmente consiste apenas de uma acréscimo à história básica. De acordo com a variação, posteriormente, quando Chapeuzinho Vermelho mais uma vez está levando doces para a avó, outro lobo tenta atraí-la para fora do caminho reto (da virtude). Dessa vez, a menina corre para a avó e lhe conta tudo o que aconteceu. Juntas, seguram a porta para que o lobo não possa entrar. (BETTELHEIM, 2008, pág. 20).

Conforme argumenta Bettelheim, tão logo termina a primeira história, os autores já começam a outra. Há “uma história sobre outra vez em que Chapeuzinho vermelho encontrou um lobo”. Nesta história, a menina também está indo levar bolinhos para a avó, o lobo tenta convencê-la a sair da trilha, mas ela está *alerta* e não o ouve. Quando chega à casa da avó, lhe conta que o lobo a cumprimentara e lhe olhara de um jeito assustador. Elas trancam a porta e quando o lobo bate, se

fazendo passar por Chapeuzinho, ficam em silêncio e não atendem. O lobo sobe no telhado e resolve aguardar e devorar a menina na escuridão. A esperta avó manda a menina encher o cocho com a água das salsichas que cozinhou. Farejando o cheiro, o lobo perde o equilíbrio, cai no cocho e se afoga. Chapeuzinho retorna para a sua casa feliz, sem que ninguém a tenha lhe feito nenhum mal. Zilberman (2003, pág. 29) nos diz que “a literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica”, ela vai dar conta da tarefa do conhecimento do mundo e do ser, necessárias aos leitores.

Estés, no prefácio do livro que reúne as histórias dos Irmãos Grimm, nos afirma que nos contos de fadas temos as ideias sábias que perduram durante muito tempo entre nós, que firmemente sobrevivem:

Quer entendemos um conto de fadas cultural, cognitiva ou espiritualmente – ou de outras maneiras, como quero crer -, resta uma certeza: eles sobreviveram à agressão e à opressão políticas, à ascensão e à queda de civilização, aos massacres de gerações e a vastas migrações por terra e mar. Sobreviveram a argumentos, ampliações e fragmentações. Essas jóias multifacetadas têm a dureza de um diamante, e talvez nisso resida o seu maior mistério e milagre: os sentimentos grandes e profundos gravados nos contos são como o rizoma de uma planta, cuja fonte de alimentos permanece viva sob a superfície do solo mesmo durante o inverno, quando a planta não parece ter vida discernível à superfície. A essência perene resiste, não importa qual seja a estação: tal é o poder do conto. (ESTÉR, 2005, pág. 11-12).

A versão dos Grimm está enraizada em nosso ser. É, na maioria das vezes, a história contada por eles que trazemos na memória. As releituras que fizeram da menina contribuíram para uma melhor aceitação da história pelos leitores. Já na primeira história contada pelos Grimm se percebe a complexidade da personagem. Há um conflito entre o que sente e pensa a menina e o que deve ser feito, como deve nortear suas atitudes, percebemos as inquietações comuns da saída da infância para a adolescência:

“Chapeuzinho Vermelho” retoma alguns problemas cruciais que a menina em idade escolar tem de solucionar se as ligações edipianas persistem no inconsciente, o que pode levá-la a se expor perigosamente a possíveis seduções. (BETTELHEIM, 2008, pág. 19).

Embora não haja uma lição de moral nos registros feitos pelos Irmãos Grimm, a segunda história nos traz uma personagem que procura os conselhos da avó e também os segue. “Juntas seguram a porta para que o lobo não possa entrar”, é uma das informações expostas no texto desses autores. Segundo Bettelheim

(2008, pág. 15), “Chapeuzinho está inclinada a se desviar do caminho conhecido para espiar pelos cantos e descobrir os segredos dos adultos, fato esse que facilita a ação do lobo”. A solução encontrada pelos autores para passar a informação dos perigos presentes na transição de menina à mulher foi criando uma versão com um final feliz, a partir das escolhas corretas feitas pela personagem. Cabe ao leitor selecionar o que é relevante ou não para si:

A obra de arte literária não se reduz a determinado conteúdo, mas depende da assimilação individual da realidade que recria. (ZILBERMAN, 2003, pág. 28).

A antiga história da Chapeuzinho, contada oralmente, provavelmente foi recriada várias vezes, o tempo todo. Como diz Darnton (2011, pág. 32), as histórias pertenciam a uma cultura popular, restos do universo mental dos camponeses que existiram no século XVII. Nosso maior obstáculo, para uma melhor interpretação, é a impossibilidade de escutar as narrativas tais como foram criadas naquela ocasião, com suas pausas dramáticas e ênfases sutis e também não poder assistir aos gestos, que só acrescentaram valor às narrativas.

No próximo tópico, vamos verificar como a Chapeuzinho foi reinterpretada por Guimarães Rosa e Chico Buarque de Holanda. O primeiro a reescreveu de uma forma bem peculiar num conto; o segundo usou do gênero poema para narrar sua história, o que difere um pouco da temática que consta neste estudo. No entanto, devido a sua popularidade entre adultos e crianças, se faz presente devido à maneira encantadora e lúdica em que a história da menina é contada.

## 5.2 AS CHAPEUZINHOS JÁ CONSAGRADAS NA LITERATURA BRASILEIRA

Não há dúvida de que os contos de Perrault e dos irmãos Grimm devem ser lidos, mas para pensarmos nos contos contemporâneos recriados é importante entender como a história da Chapeuzinho foi contada por alguns dos nossos autores brasileiros. Vamos então, refletir sobre o conto “Fita verde no cabelo” e sobre o poema “Chapeuzinho Amarelo”.

O conto *Fita verde no cabelo* (velha história nova), escrito por João Guimarães Rosa, foi publicado em um suplemento literário de *O Estado de São Paulo*, no dia 8 de fevereiro de 1964, conta sobre uma menininha com uma fita verde

inventada no cabelo. Como se percebe, não há capinha com capuz e ela não se chama Chapeuzinho nem vermelho, nem de outra cor. Ela usa uma fita verde inventada no cabelo, informação essa que dá nome ao conto.

Fita-verde mora numa aldeia em que todos têm juízo, menos ela. A mãe a manda na aldeia vizinha com um pote de doce para a vovozinha e a cesta vazia para colher framboesas durante o trajeto. Na história de Rosa, a própria menina escolhe seu caminho, “longo e louco”, assim é descrito. (ROSA, 1964). Ao atravessar o bosque, ela vê lenhadores, mas não vê nenhum lobo peludo, pois os primeiros já haviam exterminado o último. A menina se distrai, divertindo-se com as peculiaridades do lugar e acaba demorando a chegar à casa da vovó. Quando chega, entristece, pois percebe que perdera pelo caminho a fita verde de seu cabelo. Ao ver a sua vovozinha, a netinha pergunta por que a avó está com braços magros, olhos fundos, rosto pálido, vê que a vida da vovozinha se esvai. “Fita-verde mais se assustou, como se fosse ter juízo pela primeira vez” e grita que tem medo do lobo. A história é contada de maneira encantadora. Há no início uma sonoridade que lembra um poema:

Havia uma aldeia em algum lugar, nem maior nem menor, com velhas e velhos que velhavam, homens e mulheres que esperavam, e meninos e meninas que nasciam e cresciam. (ROSA, 1964).

O título “Fita verde no cabelo” do conto de Rosa, apesar de diferente da maioria das versões tradicionais da Chapeuzinho Vermelho, traz entre parênteses que estamos frente a uma velha história nova. Nela, o medo maior já não é do lobo, mas da morte. O autor traz o confronto de quando a menina sai do mundo de fantasias, da sua fita inventada, e se depara com a morte:

Como procede a literatura? Ela sintetiza, por meio dos recursos de ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra foi concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com seu destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor. (ZILBERMAN, 2003, pág.25).

E outra versão, que muito nos fala dos nossos medos atuais *A Chapeuzinho Amarelo*, escrita por Chico Buarque de Holanda no ano de 1970, conta a história de uma menina medrosa. O autor, nascido no século XX, é também músico e dramaturgo. Conhecido por obras que refletem suas preocupações sociais, escreveu

esse poema no ano em que retornou ao Brasil, de seu exílio político na Itália. Em seu poema, brincando com as palavras de maneira leve e divertida, Chico conta a história de uma menina amarelada de medo, que tinha medo de tudo, principalmente muito medo do lobo:

Como toda obra de arte, o poema tem uma unidade, fruto de características que lhe são próprias. Ao analisar um poema, é possível isolar alguns de seus aspectos, num procedimento didático, artificial e provisório. Nunca se pode perder de vista a unidade do texto a ser recuperada no momento da interpretação, quando o poema terá sua unidade orgânica restabelecida. (GOLDSTEIN, 2005, pág. 5).

Como referido, a maioria dos textos trazidos para este estudo são do gênero conto; mas, o texto de Holanda mesmo sendo em forma de poema não poderia ficar de fora, pela qualidade do seu conteúdo e riqueza das interpretações possíveis. A criança, que em vários momentos de sua vida tem sérios medos, se identifica com a personagem.

A história narra que essa Chapeuzinho não ria, não brincava, minhoca para ela era cobra. Quem de nós não tem medo de algum bichinho? Ou de inseto? Barata? Rato ou lagartixa? A Chapeuzinho Amarelo tinha medo de um lobo que nem existia! De quanta coisa que não existe temos medo? E de tanto que ela pensou no lobo, um dia topou com ele, mas surpreendentemente quando conhece o lobo, ela passa a perder o medo. Quem/o que poderiam ser “os lobos” das crianças de hoje? Quantas vezes as crianças calam seus medos com a sensação de que se falarem irão tornar seu medo real?

Quando dá de cara com seu medo, só restou à menina enfrentá-lo. Ele já não é tão assustador como em sua imaginação. O lobo percebe, fica chateado e tenta manter o medo que a Chapeuzinho Amarelo tinha dele. Para tanto, ele grita que é o lobo muitas vezes, a menina se enche, manda-o parar de gritar do jeito que ele estava. Então, percebe que o lobo no momento em que havia parado de gritar, já não era mais um LOBO e sim um BOLO. Assim, a menina descobre como deixar de ter medo: transforma todos os medos que tinha em companheiros, dizendo as palavras que os designam ao contrário. Assim, Chapeuzinho Amarelo supera o medo, o medo que lhe dava medo de tudo. Essa história traz uma grande quantidade de medos possíveis de serem vencidos. Muitos deles são também os medos dos leitores. Isso pode justificar a popularidade da história, pois há em vários momentos a identificação dos leitores com a personagem:

Sem dúvida as crianças são capazes de entender versões moralizantes mais eloquentes. São capazes de entender que os contos são instrutivos e exemplificam o sucesso ou fracasso de se ouvir o próprio coração, proteger a alma, amar o próximo e não fraquejar nessas tentativas. (ESTÉS, 2005, pág. 15).

A Chapeuzinho do Chico não usa capuz nem capinha vermelhos, ela usa um chapéu amarelo. Amarelar, informalmente significa perder a coragem, sentir medo, acovardar-se, ou seja, tudo que a menina fazia. O autor nos conta que o medo a impedia de fazer coisas simples para uma criança. Porém, a cor amarela tem significados positivos, significa luz, calor, otimismo e alegria. E é isso que ocorre na história da Chapeuzinho Amarelo: ela deixa de ser “amarelada de medo” (BUARQUE, 2015) e passa a ser alegre. De um modo divertido transforma os medos que sempre lhe fizeram companhia em outros personagens.

Importante destacar que apesar de as histórias dos diferentes chapeuzinhos apresentarem conflitos diferentes a serem vencidos, mostram uma menina na sua trajetória para o desenvolvimento pessoal, passando, de algum modo de um estágio de vida a outro. Cada conflito serve de rito de passagem para uma nova fase.

A seguir vamos conhecer um pouco das múltiplas personagens criadas pelos autores Pimenta e Torero no livro *Chapeuzinhos Coloridos*, o qual contém seis diferentes contos, com as personagens: Chapeuzinhos de todo jeito e estilo.

## 6 ANÁLISE DA PERSONAGEM CHAPEUZINHO NO LIVRO *CHAPEUZINHOS COLORIDOS*

Foi o contemporâneo livro “Chapeuzinhos Coloridos” dos autores Torero e Pimenta que determinou o interesse de realizar o presente trabalho. Nele há seis contos diferentes. Os chapeuzinhos não são vermelhos: são azul, verde, branco, lilás, cor de abóbora e preto. Já na sua apresentação, fica claro que as histórias não irão ser contadas como conhecemos, aquela que a menina vai levar algo para a vovó que mora na floresta e na qual as duas geralmente acabam na barriga de um lobo. As personagens também não são tradicionais, em uma a Chapeuzinho quer ser famosa, na outra ela é gordinha; em uma ela quer ganhar dinheiro, em outra fala sobre amizade; na última fala sobre o tempo, sendo essa variação o que nos chama atenção, enriquece nosso estudo, motivo principal de nossa escolha por esses textos:

As manifestações literárias podem envolver adesão, transformação ou ruptura em relação à tradição linguística, à tradição retórico-estilística, à tradição técnico-literária ou à tradição temático-literária às quais necessariamente está vinculado o trabalho do escritor. A literatura se abre, então, plenamente, à criatividade do artista. Em seu percurso, ela consiste na constante invenção de novos meios de expressão ou numa nova utilização de recursos vigentes em determinada época. Mesmo nos momentos em que a obediência a determinados princípios pareceu regular os procedimentos literários, a literatura, por sua própria natureza, levou à abertura de caminhos renovadores. (PROENÇA FILHO, 2003, pág. 41),

Entre alguns pontos em comum, há o fato de todas as personagens serem muito amadas por sua avó, assim como nas histórias clássicas que analisamos anteriormente. “*Todo mundo gostava dela, e sua avó mais ainda*”, tanto que decidiu fazer, tanto que fez, tanto que lhe deu de presente... Uma capinha com capuz! O que diferencia de uma para outra é o verbo que expõe se a avó mesma fez as capinhas ou se apenas deu-as de presente para a netinha. Há outro ponto em comum, em todas as histórias de Torero e Pimenta, a menina canta pelo caminho, e as letras das músicas trazem conteúdo que ajudam na análise das personagens. A cada conto a menina expõe algo da sua personalidade, implícita ou explicitamente:

As palavras de um enunciado estariam assim carregadas de significação vinculada a inúmeros contextos vividos, e toda comunicação envolveria a interação de um falante, um destinatário e um “personagem” (de que se fala) envolvidos por um horizonte comum que possibilita a compreensão dos elementos ditos e não ditos. (PROENÇA FILHO, 2003, pág. 71).

Na primeira história do livro, a menina também ganha uma roupa de veludo azul da avó, que não tira nem para brincar de teatrinho no quintal. Essa informação já nos dá pista sobre a personalidade da menina. A mãe pede a ela que leve torta de amoras azuis para a sua avó, “*como sempre faz*”. Sabemos então, que era rotina da menina: ir até a casa da avó. E ela vai cantando a sua música. A música faz parte do golpe que a menina dará no lobo:

Pela estrada afora,  
Eu vou tão sozinha,  
Tão desprotegida.  
Ai de mim, tadinha. (TORERO, pág. 5)

Será a menina “coitadinha”? Na floresta, em um ponto onde a mata é mais estreita e escura, ela encontra o lobo. E durante a conversa, acaba expondo que a sua avó é frágil e indefesa. O lobo, assim como nas outras versões, ensina um caminho mais longo, sugere que a menina colha flores e enquanto isso ele vai pelo caminho mais curto. Mas essa não é uma Chapeuzinho comum! A avó está esperando o lobo. Ela o mata, assa e aguarda a netinha para comer carne de lobo. Tudo havia sido uma armadilha de ambas, que se vangloriaram de sempre conseguir enganar os lobos, o que responde a nossa pergunta acima: Chapeuzinho Azul não é tão inocente assim!

De barriga cheia, as duas começam a roncar, um caçador escuta, resolve dar uma olhada, ele vê os restos do bichano, que também não era um lobo qualquer, era um lobo em extinção, sendo assim, as duas são presas, no outro dia a mãe paga suas fianças e ambas são soltas. No final, a Chapeuzinho Azul aprende a lição de que “*Não se deve matar os animais, ainda mais se eles estiverem em extinção.*”. A menina dessa história não tem medo do lobo e sabe muito bem parecer frágil e indefesa, apesar de não ser, talvez de tanto brincar de teatrinho.

A personagem da segunda história do livro Chapeuzinhos Coloridos é descrita como uma menina gordinha, de grandes bochechas. Usava todo o tempo a escandalosa roupa cor de abóbora que ganhou da avó, ganhando o nome de Chapeuzinho Cor de Abóbora, título do conto. A pedido da mãe, a menina vai levar a avó uma torta de abóbora com cobertura de chantili e uma cereja em cima. A música dessa Chapeuzinho também revela um pouco de sua personalidade. A menina canta que almoçou agora, mas já está com fome e é uma pena que o doce seja para a Vovozinha. Apesar de parecer muito com os dilemas das meninas dos dias atuais,



as quais se acham acima do peso, mas não podemos esquecer que a Chapeuzinho Cor de abóbora é apenas mais personagem da literatura infantil:

A personagem ou o personagem é um ser fictício que é responsável pelo desempenho do enredo; em outras palavras, é quem faz a ação. Por mais real que pareça, o personagem é sempre invenção, mesmo quando se constata que determinados personagens são baseados em pessoas reais. (GANCHO, 2002, pág.14).

O lobo também nos dá pistas que ajudam a analisar a Chapeuzinho Cor de Abóbora. Ao tentar enganar a menina para que pegue o caminho mais longo, o lobo expõe que a trilha está cheia de jabuticabeiras, macieiras, pereiras, figueiras, ameixeiras, bananeiras, abacateiros e mangueiras. Colher flores talvez não fosse o mais atrativo para a menina e sim comer frutas pelo caminho. Ele vai pelo caminho mais curto, come a avó, depois a menina e ainda por último, o caçador que tenta salvar as duas. Após tanta comilança, o lobo, já com a barriga bem cheia, sente vontade comer um doce, pois o caçador lhe parecera muito salgado, então ele devora a torta trazida por Chapeuzinho e ao comer a cereja, de tão cheio explode! Para a Chapeuzinho Cor de Abóbora, caso tivesse ficado viva, a lição seria de que nunca se deve comer a última cerejinha.

Na terceira história do livro a personagem combina com o ambiente. *“Era uma vez, numa pequena vila perto de uma verdejante floresta, uma menina de olhos cor de esmeralda.”* Sua avó lhe deu uma capinha com capuz verde-dólar, ou melhor, verde-musgo, por esse motivo passou a ser chamada de Chapeuzinho Verde. A mãe pede que a menina leve uma torta de limão para a avó que é descrita como avarenta. Após dizer que irá levar, Chapeuzinho Verde pede dinheiro para o ônibus, a mãe lhe diz que para lá não há ônibus, que nunca viu ninguém gostar tanto de dinheiro, que ela é igual à avó e dá o dinheiro. Percebemos que assim como ocorre na história da Chapeuzinho cor de abóbora em que o lobo dá pistas da personalidade da menina, nessa a mãe nos esclarece traços da Chapeuzinho verde:

Bichos, homens ou coisas, os personagens se definem no enredo pelo que fazem ou dizem, e pelo julgamento que fazem dele o narrador e os outros personagens. De acordo com essas diretrizes podemos identificar-lhes os caracteres ou características, estejam eles condensados em trechos descritivos ou dispersos na história. (GANCHO, 2002, pág.14).

A menina vai estrada afora cantando que é mesquinha e que irá pedir mais grana para a vovozinha. Quando encontra o lobo e é questionada se a torta que leva

é para ele, a menina responde que só se ele tiver dinheiro para comprá-la. E ele não tem nenhum centavo, mas pensa nas joias da vovozinha. Para distrair a Chapeuzinho, ele conta que pelo caminho mais longo há uma fonte em que as pessoas jogam moedas e que ela pode pegar umas. Toda a história gira em torno do dinheiro. O lobo engole a avó e a menina a vista, ou como os autores descrevem, de uma só vez. O caçador só as tira da barriga do lobo em troca das joias da vovozinha e das moedas que a menina recolheu pelo caminho.

Embora todas as histórias do livro *Chapeuzinhos Coloridos* tenham “a moral” da história, com exceção da história da Chapeuzinho verde em que os autores explicitam qual é essa moral, nas demais ela não é exposta; vem como uma conclusão da frase *foram felizes para sempre* ou de alguma que tenha o mesmo sentido dessa, dentro do contexto da história contada. Segundo Zilberman (1989, pág. 22), “A consciência estética participa, portanto, da criação estética e, com esta, passa por transformações, porque mudam as normas literárias”. Sabemos que as histórias são escritas com a intenção de passar algo para o leitor. Ainda conforme Zilberman, não fazem parte das normas apenas os critérios literários, mas também os morais, os sociais e ideológicos. Hoje não só o “lobo mau” pode trazer riscos à sociedade, mas também uma série de tentações que podem corromper o caráter dos leitores. Sobra à literatura se adaptar aos novos tempos:

[...] a literatura é um fenômeno contínuo e, ao mesmo tempo, em permanente transformação, pois a norma existe para ser violada; e é a condição de existência da estrutura artística, ao agregar e integrar os diferentes elementos a compor o texto. (ZILBERMAN, 1989, pág. 23).

A história seguinte do livro começa de uma maneira um pouco diferente. “*Era uma vez, numa pequena vila perto de uma triste floresta, uma menina de olhos e cabelos bem claros.*”. Essa é a Chapeuzinho Branco. A menina era muito amada pela avó, de quem ganhou a capinha com capuz, que usava sempre, fosse para brincar, fosse para limpar a lápide de seu pai. A netinha leva uma cesta com suspiros para sua avó. Suspiro é um doce muito leve, feito de claras de ovos e açúcar, assado em um tabuleiro, mas o sentido figurado de suspiro é som que expressa tristeza. A Chapeuzinho Branco é uma menina triste que se sente sozinha, conforme a música que entoa:

“Pela estrada afora,  
Eu vou tão tristonha.  
Não tenho mais pai,  
Sou uma orfãzinha”. (TORERO, pág.29)

Na floresta ela encontra um solitário, mas ainda mau lobo, que sugere que ela vá pelo caminho mais longo. Nesse caminho não há ninguém. Quando chega à casa da avó, não tem medo de ser devorada pelo lobo, diz a ele que é *uma menina muito triste*. A menina não é devorada. Chegam sua mãe e um caçador, que conhecia a mãe da menina da época da juventude: ele salva a avó, pede a mãe da Chapeuzinho Branco em casamento. A menina aprende a lição de que ninguém gosta de ficar sozinho. A história fala da solidão, algo comum nos dias atuais:

[...] um número ilimitado de temas básicos retratam, nas histórias de fadas, aspectos bastante diversos da experiência humana; tudo depende de como um tal tema é elaborado e em que contexto os acontecimentos se dão.(BETTELHEIM,2008, pág. 12).

As recomendações das mães das personagens das Chapeuzinhos de Torero e Pimenta também são muito parecidas com as que ocorrem nos contos clássicos. A mãe sempre pede cuidado à menina orienta que ela não saia do caminho porque a floresta é perigosa. Neste livro, as recomendações estão explícitas nos contos da Chapeuzinho Azul, no Cor de Abóbora, no Verde e no Preto. Nos contos do Chapeuzinho Branco e no do Chapeuzinho Lilás não há esse tipo de recomendação.

A próxima Chapeuzinho era “uma menina muito famosa”! Dona de uma capinha cor de violeta, a menina passou a ser chamada de Chapeuzinho Lilás. Ela não leva doce ou guloseima para a avó, leva revistas de fofocas sobre gente famosa. Enquanto se desloca, ela canta que queria ser famosa, ser bem “*conhecidinha*”; aí não andaria nunca mais sozinha. Encontra o Lobo que sugere que a Chapeuzinho vá pelo caminho mais longo e pegue uns lilases para levar à avó. Quando chega e faz as tradicionais perguntas, ouve da avó que a boca tão grande é para fazer fofocas, as duas começam a rir e conversar. No final, o lobo, que já não era tão mau assim, é morto pelo caçador e todos ficam famosos para sempre. A Chapeuzinho Lilás dá uma entrevista para a tevê, dizendo que aprendeu a lição de que se falam mal de alguém, deve ser verdade.

A história da Chapeuzinho Lilás traz uma temática bem atual. Para ter fama vale tudo! A menina gosta de ser famosa, tanto que diante do questionamento se tem mesmo de ir à casa da avó, a mãe pergunta se ela não quer manter a sua fama de menina obediente e trabalhadora. A imagem é o que importa nesta história! O

lobo é morto pelo caçador que diz conhecer sua fama de mau, ele não nem é tão mal assim. As fofocas têm um maior alcance do que os fatos reais. A menina canta que se fosse famosa não andaria sozinha, há uma necessidade de fazer parte da grande coletividade de pessoas perfeitas, com suas vidas perfeitas expostas na mídia.

A última história do livro é a da Chapeuzinho Preto. Nela a personagem chapeuzinho é descrita como uma menina de olhos e cabelos negros, de quem todo mundo gostava, que, a pedido da mãe, vai levar jabuticabas para a avó, dizendo que vai e volta num minuto. A menina entra na floresta cantando:

“Pela estrada a fora,  
Eu vou depressinha,  
Levar essas frutas  
Para a vovozinha”. (TORERO, pág. 47)

A cada passo que a menina dava, as árvores se fechavam mais e a mata ficava cada vez mais escura. O lobo sai de trás de uma moita e pensa que um dia, com certeza, comerá aquela *pequena*. Até esse momento, Chapeuzinho Preto é uma menina! O lobo sugere à menina que vá por uma estrada mais longa, cheia de flores chamadas de sempre-vivas. Sempre-vivas é o nome dado às flores que duram bastante tempo mesmo depois de colhidas, sem estragar, perder sua cor ou beleza, são as mais difíceis de morrer.

Bem viva, a menina vinha andando pela mata tão lentamente, mas tão lentamente, que nem viu o tempo passar, chegando à casa da avó, encontra o lobo se fazendo passar pela velhinha. Quando vai em direção à cama da avó, a menina para na frente de um espelho e se dá conta de que estava mais velha, já era uma mulher. Ao invés de fazer as tradicionais perguntas para o lobo disfarçado de vovozinha, a menina começa a questionar a si mesma:

- Por que eu tenho orelhas tão grandes?  
E ela se respondeu:  
- Ah, é porque agora já posso usar brincos.  
- E esses olhos tão grandes?  
- É porque agora já posso ver mais coisas.  
- E essas mãos tão grandes?  
- É por que agora posso alcançar o que antes não alcançava.  
- E esse nariz tão grande?  
- É porque agora sou dona do meu próprio nariz.  
- E essa boca tão grande?  
- Acho que é porque já posso falar por mim mesma – falou Chapeuzinho.  
(TORERO, pág.51)

A menina está refletindo sobre como o tempo havia passado, pode ter reflexão mais atual? Talvez a história faça mais sentido com a maturidade, quando já tenhamos assistido o tempo agir, porém não podemos esquecer de que ela é apenas mais uma complexa personagem. Em todas as vezes que relemos um conto de fadas, vamos tirar dele um significado diferente:

O conto “Chapeuzinho vermelho” tem uma certa significação para uma criança de oito anos. Pode significar algo mais para uma de 15 anos; uma de vinte pode achá-lo ainda mais complexo; e muito mais é visto, compreendido e descoberto por alguém de cinquenta, de oitenta anos. (ESTÉS, 2005, pág.17).

Depois a menina pergunta pela avó e o lobo confessa que a engoliu. Ela pergunta quem ele é e sua resposta é de que ele é o lobo dos lobos, que as pessoas o chamam de tempo. Questionado pela menina se irá engoli-la, o lobo diz que vai, mas não agora. A história finaliza com a reflexão da Chapeuzinho Preto de que devemos comer as jabuticabas bem devagar e aproveitar cada uma delas.

Cada história do livro Chapeuzinhos Coloridos traz um tema atual e interessante. A cor azul costuma estar associada à frieza. A Chapeuzinho Azul friamente planeja com a avó enganar o lobo e devorá-lo. A menina e a avó são presas por matar lobos em extinção. A história da Chapeuzinho Cor de Abóbora lembra a comida, o doce de abóbora, tem a gula como tema principal. Percebe-se que a menina come bastante, pois é gordinha, canta que apesar de ter almoçado, já estava com “fominha”. No final, o lobo explode de tanto comer. O verde da história da Chapeuzinho verde não lembra o meio ambiente, se refere ao dinheiro, às joias, à economia e nos apresenta uma menina gananciosa, que vai juntando moedas pelo caminho e tentando ganhar dinheiro sempre que possível. A menina e a avó acabam tendo que doar todas as joias e moedas ao caçador para que ele as tire de dentro da barriga do lobo. A cor branca significa paz, pureza e limpeza e é usada na roupa da Chapeuzinho Branco, uma menina que perdeu o pai há pouco tempo e que ainda sente o vazio da perda. A história discute a solidão. Na história da Chapeuzinho Lilás, a cor lilás expressa sensação de individualidade e de personalidade representando muito bem a menina que é muito famosa na vila onde mora e deseja manter a fama. Hoje há uma necessidade em ser conhecida, de ter glamour de se reconhecer nas pessoas famosas e perfeitas segundo as mídias. A última história do livro fala sobre o tempo. O preto é uma cor misteriosa associada ao medo e ao

desconhecido. A menina se surpreende com a rapidez em que o tempo passou. A avó já estava cansada de esperar o seu fim e o lobo sabe que há cada coisa ao seu tempo. Há Chapeuzinhos de várias cores, com os mais diversos temas.

Importante mencionar a relação das diferentes cores com o seu significado simbólico. Tal qual o vermelho simboliza amor, paixão, sangue, o amarelo representa medo, como mencionado, o verde da fita, pode representar esperança de continuidade. No entanto, os significados dos chapeuzinhos coloridos carregam conotações mais contemporâneas, ao mesmo tempo em que apontam para algum sentido psicodinâmico. Um exemplo disso é o uso do lilás como símbolo de fama, superficialidade e consumo, quando contemporaneamente está relacionada com o feminino. Também interessante é a cor preta– ausência de luz – como representação do tempo.

Torero e Pimenta sugerem que depois da leitura do livro, podemos criar ou sugerir que os leitores criem suas chapeuzinhos: pode ser uma menina com chapéu de bolinhas, ou listrado, com luzinhas, como quisermos e a nossa imaginação permitir.

Nesse estudo trouxemos várias versões da Chapeuzinho. Temos a menina nos contos consagrados da literatura, nas belas e diversificadas versões da literatura brasileira que inclui até a história contada no gênero poema e também as versões contemporâneas do livro Chapeuzinhos Coloridos.

Não há uma intenção de discutir a qualidade dos textos ou expor se há um o outro que tem um valor estético maior. Em relação à liberdade na criação, Conforme Proença Filho (2003, pág. 41), Não existe uma “gramática normativa” para o texto literário. Seu único espaço de criação é o da *liberdade*. Esse trabalho foi escrito com o intuito de mostrar que há muitas Chapeuzinhos possíveis de serem lidas, possíveis de ser apresentadas aos nossos leitores. A seguir vamos salientar as principais reflexões sobre tudo que foi exposto.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo de leitura o educador deve conhecer como se encaminha o desenvolvimento do leitor, quais etapas evolutivas e de que forma se estrutura seu pensamento. Partindo disso, poderá selecionar textos significativos para o leitor, considerando as diferenças e as vivências do ser que aprende. Uma das tarefas essenciais da leitura consiste em decifrar o mundo em que vivemos. É importante compreender como diferentes leituras e culturas se reproduzem.

O texto selecionado pode ter apenas uma palavra, um sintagma, um conjunto de frases, pode ser um livro, um conto de fadas, um mini conto, a sua extensão não é relevante, o que importa é que consiga transmitir significado em relação à situação que está sendo aplicado. Precisamos ter claro que o texto é feito para alguém, por alguém, carrega ideologias, traços de personalidade, posicionamentos do autor, que ao serem lidos influenciarão diretamente no leitor.

Nos seis contos de Torero e Pimenta há todo tipo de Chapeuzinho, mas há muito nelas da personagem criada séculos atrás por Perrault. As seis Chapeuzinhos moram com a mãe, ou perto da floresta, ou em uma vila, semelhante a Capuchinho Vermelho que morava numa outra aldeia, essa última encontra o lobo ao entrar no bosque, as primeiras ao atravessarem a floresta. Todas são muito amadas por suas avós e delas ganharam uma roupa com capuz, as quais adoravam e nunca queriam tirar. Tanto as Chapeuzinhos criadas recentemente como a do escritor francês vão levar comida ou algum item em uma cesta quando se deparam com o lobo.

Em algumas delas a semelhança termina por aí. Os tempos são outros e muitas vezes os medos também são! A Chapeuzinho Azul não é tão inocente quanto parece e arma para “comer” o lobo, animal esse em extinção. A Chapeuzinho Cor de Abóbora já não é descrita como uma bela menina, mas como uma menina gordinha, de grandes bochechas, que se preocupa mais com comida do que com as maldades do lobo. A Chapeuzinho verde, uma menina de olhos cor de esmeralda, se parecia com a avó, descrita como mesquinha e avarenta, pensa mais em dinheiro do que no risco que o lobo traz. A Chapeuzinho Branco, ainda envolta na tristeza pela perda do pai, não tem medo do lobo, mas sim da ausência das pessoas, tem medo da solidão. Já a menina que recebeu o nome de Chapeuzinho Lilás tem o desejo de ser famosa, suas atitudes são pensadas de modo a não prejudicar sua boa fama, quer se conhecida por todos, semelhante a Chapeuzinho de Perrault é induzida pelo lobo

a colher flores para levar à vovozinha, só que flores lilases, conforme seu nome. A Chapeuzinho Preto é descrita como uma menina de olhos e cabelos negros, também convencida a colher flores para a avó, entra na floresta negra sem medo e anda tão devagar que não vê o tempo passar, quando chega na casa da avó, se surpreende com sua aparência já bem mais velha, já mulher.

Os autores das histórias dos Chapeuzinhos coloridos também brincam com a linguagem, assim como Guimarães Rosa em *Fita verde no Cabelo*. Inovam nos adjetivos que descrevem as Chapeuzinhos. Trazem temas atuais, que além de facilitar uma identificação do leitor com o seu cotidiano também podem gerar reflexões e discussões. Sem conhecer e entender o leitor, não há como decidirmos qual das histórias contar ou indicar para leitura. Cada história vai repercutir de uma maneira diferente. É importante que o aluno conheça os contos clássicos, os quais se mantêm em nossos estudos devido a sua grande qualidade, tanto estética quanto de conteúdo, mas é preciso salientar ao leitor que existem muitas histórias contemporâneas que podem antes de tudo ser uma leitura prazerosa.

A intenção desse trabalho não foi julgar se há diferença de valor entre a personagem Chapeuzinho dos contos clássicos e a Chapeuzinho dos contos contemporâneos, foi mostrar que várias características dela se mantêm, tamanha foi a qualidade de sua criação. A sua complexidade abre portas para todos os tipos de análise. As versões da menina na literatura brasileira também são encantadoras! As suas recriações são naturais e possíveis em vários contextos, basta deixar a nossa imaginação fluir. Se procurarmos entre as várias versões da história, muito provavelmente vamos encontrar uma Chapeuzinho com a qual nos identificaremos.



## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise conteúdo**/ Laurence Bardin; tradução Luis Antero Reto, Augusto Pinheiro. – São Paulo: Edições 70, 2011.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. -36ª ed. – Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018.

\_\_\_\_\_. **Na terra das fadas: análise de personagens femininas (extraído da obra A psicanálise dos contos de fadas) Bruno Bettelheim**; tradução de Arlene Caetano. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

BORDENAVE, Juan Dias. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 1986.

BRAIT, Beth. **A personagem**. Serie Princípios. São Paulo: Editora Ática, 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/Secretaria de Educação fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUARQUE, Chico. **Chapeuzinho Amarelo**. Chico Buarque; ilustrações de Ziraldo. - 38ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 1ª Ed. São Paulo: Moderna, 2000.

CORSO, Diana Lichtenstein e Mario. **Fadas no Divã**. São Paulo: Artmed Editora, S.A, 2006.

Darnton, Robert. **O grande massacre dos gatos: e outros episódios da história cultural francesa** / Robert Darnton; tradução de Sonia Coutinho. – São Paulo: Geral, 2011.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Contos dos irmãos Grimm**. Rocco, 2005.

GANCHO Vilares, Cândida. **Como analisar narrativas**. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática. 2002.

GOLDSTEIN, Norma. **Verso, sons, ritmos**. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 2005.

GUIMARÃES, Rosa. **Suplemento literário de O Estado de S. Paulo, 8 de fevereiro de 1964**. Disponível em < <https://rodrigogurgel.com.br/wp-content/uploads/2016/10/Fita-Verde-no-Cabelo-%E2%80%94-Rosa.pdf>.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2. ed. 2. reimp. São Paulo, Contexto, 2008.

Lois, Lena. **Teoria e prática da formação do leitor: leitura e literatura na sala de aula** / Lena Lois. – Porto Alegre: Artmed, 2010.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2012. (coleção Primeiro Passos; 74).

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Educação**, Porto Alegre, v. 22, n.37, p. 7-31, 1999.

ORLANDI, Eni. **Discurso e leitura**. 9ª ed.- São Paulo: Cortez, 2012.

PERRAULT, Charles. **Contos de fadas de Perrault, Grimm, Andersen & outros**. Apresentação: Ana Maria Machado. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. 2010.

PERROW, Susan. **Histórias curativas para comportamentos desafiadores**. Tradução de Joana Maura Falavina. Antroposófica. Federação da Escolas Waldorf no Brasil, 2010.

POSSENTI, Sírio. **Conversa com linguistas: virtudes e controvérsias da linguística**. Rio de Janeiro: Parábola Editorial, 2005.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. 7ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. **Referencias Curriculares: Lições do Rio Grande - Linguagens e códigos e suas tecnologias**, 2009.

TORERO, José Roberto; PIMENTA, Marcus Aurelius. **Chapeuzinhos coloridos**. Objetiva, 2010.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

\_\_\_\_\_, **Estética da recepção e história da literatura**. Editora Ática, 1989.